



A VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE CAMPONESA: CONSIDERAÇÕES SOBRE A ORGANIZAÇÃO DO PROCESSO PRODUTIVO NO CAMPESINATO

THE VALUATION OF THE PEASANT IDENTITY: CONSIDERATIONS ON THE ORGANIZATION OF THE PRODUCTIVE PROCESS IN THE PEASANT

Lívia Thaysa Santos de Albuquerque Gama

Universidade Federal de Alagoas, Instituto de Geografia, Desenvolvimento e Meio Ambiente Especialista
em Ensino de Geografia
Maceió, AL, Brasil
liviathaysasagama@gmail.com

Cirlene Jeane Santos e Santos

Universidade Federal de Alagoas, Instituto de Geografia, Desenvolvimento e Meio Ambiente
Doutora em Geografia Humana
Maceió, AL, Brasil
cirlene@igdema.ufal.br

Resumo

Este trabalho apresenta discussões relacionadas a identidade camponesa e discorre sobre a organização do processo produtivo do campesinato a partir de uma investigação realizada no povoado Serrote Grande, em Craíbas/AL. Objetiva-se por meio deste, evidenciar a importância da identidade camponesa, destacando o camponês como o sujeito que vive e produz no campo. Também discute como se dá o processo produtivo no campesinato presente no *lócus* da pesquisa, esta teve caráter qualitativo com abordagem exploratória, foram utilizados como procedimentos metodológicos: levantamento bibliográfico, atividades de campo, aplicação de questionários e realização de entrevistas. Como resultados, tem-se a caracterização da comunidade em questão como camponesa, por apresentar em sua gênese características elementares comuns ao campesinato, constituindo-se em um povoado no qual a religião católica possui grande relevância, sendo marcado por relações patriarcais e tendo a agricultura como principal ocupação dos camponeses residentes. O fumo é o principal cultivo e fonte de renda das famílias. A produção se estabelece através do trabalho familiar e as práticas de ajuda mútua.

Palavras-chave: Camponês. Trabalho. Agricultura. Produção. Renda.

Abstract

This paper presents discussions aimed at valuing the peasant identity, as well as discussing the organization of the peasantry's productive process based on an investigation carried out in the village Serrote Grande, in Craíbas / AL. The objective is

to highlight the importance of peasant identity, highlighting the peasant as the subject who lives and produces in the countryside. It will also discuss how the productive process in the peasantry present in the locus of the research takes place, it had a qualitative character with an exploratory approach, the following methodological procedures were used: bibliographic survey, field activities, application of questionnaires and interviews. As a result, we have the characterization of the community in question as peasantry, since it presents in its genesis elementary characteristics common to the peasantry, constituting a village in which the Catholic religion has great relevance, being marked by patriarchy and having agriculture as main occupation of resident peasants. Tobacco is the main crop and source of income for families. Production is established through family work and mutual aid practices.

Keywords: Peasant. Job. Agriculture. Production. Income.

Introdução

Este estudo versa sobre a identidade camponesa, considerando a organização familiar da produção. Nesse sentido, elenca discussões referentes ao campesinato localizado em uma comunidade rural do município de Craíbas, AL, no Povoado Serrote Grande. Serão elucidados aqui os elementos estruturais do modo de vida camponês identificados na comunidade em estudo, assim como as principais características das relações sociais estabelecidas e da organização da produção.

Objetiva-se por meio desse estudo evidenciar a importância da valorização da identidade camponesa, destacando o camponês como o sujeito que vive e produz no campo. Esta pesquisa é um estudo qualitativo com abordagem exploratória e teve seu desenvolvimento a partir de levantamento bibliográfico, pesquisa de campo, realização de entrevistas e aplicação de questionários junto a 104 famílias residentes no povoado, do universo de 164 famílias.

Para a realização das entrevistas e questionários, usou-se como técnica de probabilística a Amostragem Aleatória Simples (M. A. S.), nesta todos os elementos do universo estudado têm a mesma probabilidade de serem utilizados para a amostra. Logo, destaca-se que a estimativa prevista com esse estudo é que a margem de erro seja de 5%, sendo o nível de confiabilidade de 90% aproximadamente.

Discutir sobre a identidade camponesa é imprescindível, haja vista tratar-se de uma realidade peculiar, cada comunidade possui atributos únicos, sendo estes próximos aos elementos que estruturam e caracterizam o campesinato. Assim sendo, a

organização do processo produtivo no modo de vida camponês aqui é apresentado de acordo com a realidade presente na comunidade campesina Serrote Grande.

Campesinato: caracterização e identidade camponesa

Este modo de vida caracteriza-se por apresentar um vínculo muito forte entre o camponês e a terra; este homem do campo possui liberdade para seguir a vida à sua maneira, no seu ritmo, com os meios de produção que possui, com a autonomia que tanto deseja ter. Para Bombardi (2004, p. 200) “[...] ter a própria terra significava concretizar um sonho de liberdade e autonomia. Esta autonomia diz respeito ao controle total do processo de trabalho na terra, o que significa ser senhor do próprio tempo e do próprio espaço”.

O campesinato é “[...] uma expressão que não encontra lugar definido no corpo das categorias que formam leis básicas de desenvolvimento do capitalismo”. (ABRAMOVAY, 1998, p. 35). Caracterizado por ser um segmento de forte resistência, o campesinato enfrenta embates sociopolíticos no que se refere à obtenção da propriedade privada da terra, tornando-se contraditória a inserção do capitalismo estabelecido no campo brasileiro.

Assim, o campesinato sempre foi marcado pela luta e resistência, tanto para ter acesso à terra, quanto para ter o direito de permanecer nela. Nesse sentido, representa um segmento político, um modo de produção e de vida e dessa maneira possui características peculiares, as quais se destacam os elementos estruturais. Estes se ajustam a cada realidade campesina de forma particular.

Nesse sentido, as características universais do campesinato para Abramovay (1998), são as seguintes: unidade indissolúvel entre o empreendimento agrícola e a família; uso intensivo do trabalho; natureza patriarcal da organização social; a família camponesa, oferta de produtos agropecuários abaixo de grandes empresas. A partir das características apontadas pelo autor supracitado, torna-se possível compreender que no modo de vida camponês, sendo a relação entre o camponês e à terra íntima, tendo em vista que esta não é separada da família, ou seja, as atividades produtivas fazem parte da vivência no campo, tornando-se, portanto, a mão de obra familiar fundamental no processo.

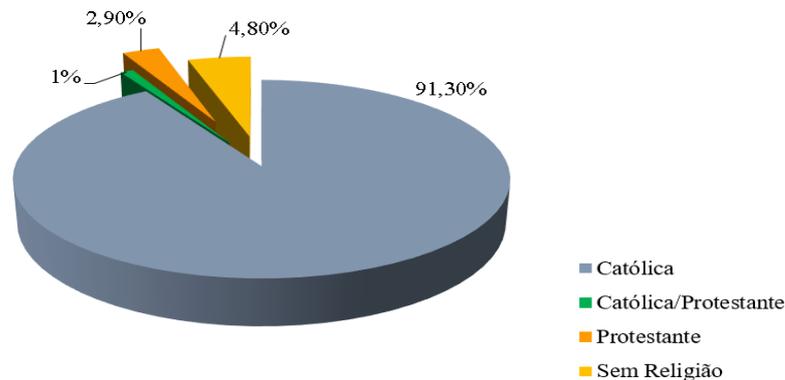
Todavia, embora o camponês tenha autonomia sobre o tempo e o espaço, o trabalho é praticado de forma intensiva, principalmente nos períodos em que as atividades se intensificam. Em relação à comercialização dos produtos cultivados, estes constantemente são comercializados através dos atravessadores, a um preço abaixo do mercado, o que torna o camponês subordinado ao sistema capitalista.

Oliveira (2007) destaca como elementos estruturais do campesinato: a força de trabalho familiar; a parceria; trabalho acessório; a jornada de trabalho assalariada; socialização do camponês; propriedade da terra; propriedade dos meios de produção; jornada de trabalho. O campesinato, nesse sentido, é um segmento amplo, dotado de especificidades, e representa um modo de vida e de produção particular, no qual envolve resistência política, bem como enfrentamento às adversidades e embates com o capitalismo.

Muitos são os fatores que contribuem para a efetivação da produção camponesa, é comum a presença de alguns elementos que se fazem presente no cotidiano das relações de produção, destacando-se a religiosidade, reciprocidade e ajuda mútua.

A religiosidade é um dos elementos importantes no campesinato do povoado Serrote Grande, durante a pesquisa de campo os camponeses foram questionados em relação à religião a qual seguiam, o resultado proveniente da pesquisa pode ser observado a partir do gráfico 1.

Gráfico 1: A religiosidade no povoado Serrote Grande, Craíbas/AL



Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

Org. Lívia T. S. A. Gama, 2019.

A religião predominante no povoado estudado é a católica, no entanto, de acordo com os dados obtidos com a pesquisa, foi possível tomar conhecimento de que também há camponeses adeptos da religião protestante.

Na figura 1 pode ser observada a capela do povoado Serrote Grande, cujo santo padroeiro é o Menino Jesus, e na figura 2 tem-se o registro do evento tradicional da Sexta-Feira da Paixão, que ocorre anualmente.

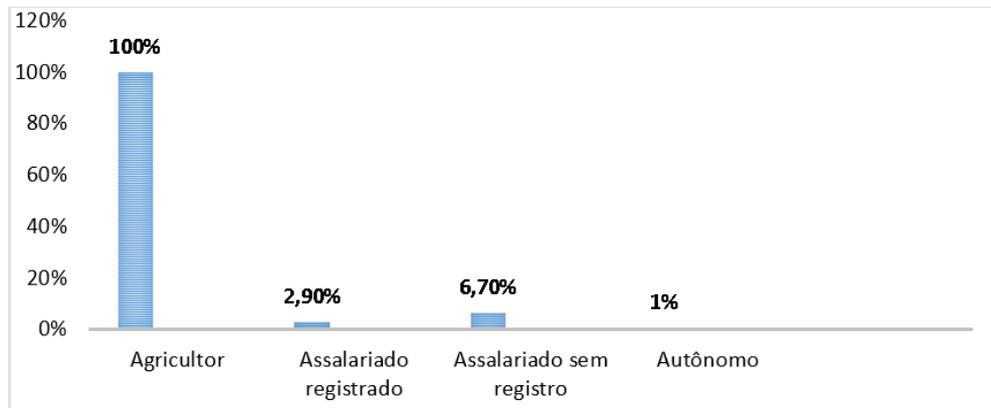
Figuras 1 e 2: Capela Menino Jesus e Festividade religiosa tradicional Povoado Serrote Grande, Craíbas/AL



Fonte: Pesquisa de Campo, 2015/2016.

Sobre qual seria a principal ocupação dos camponeses, no gráfico 2 observa-se que todos os camponeses entrevistados responderam que a sua principal ocupação era a agricultura, ou seja, ser agricultor estava em primeiro lugar em relação às suas demais ocupações, sendo 2,90% trabalhadores assalariados registrados, 6,70% trabalhadores assalariados sem registro, e 1% afirmou ser autônomo. Diante do exposto, destaca-se que 33,70% dos camponeses entrevistados são aposentados.

Gráfico 2: Ocupação principal dos camponeses do povoado Serrote Grande



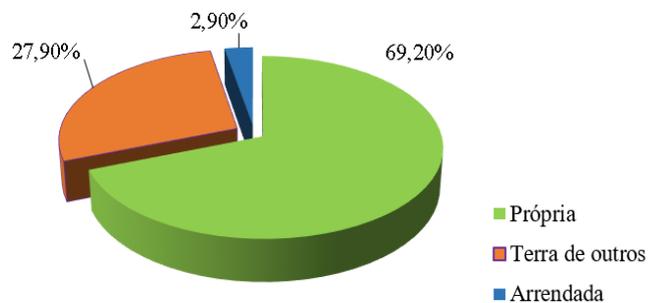
Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

Org. Lívia T. S. A. Gama, 2019.

Dentre os elementos que caracterizam o campesinato, entre estes está a propriedade privada da terra. Para os camponeses, ter acesso à terra como proprietários, mesmo que esta seja pequena, é algo fundamental, pois, sendo o camponês o dono da terra, ele tem autonomia sobre os meios de produção e também sobre a sua jornada de trabalho.

O povoado Serrote Grande apresenta o regime de propriedade de terra, conforme indicado no gráfico 3, sendo 69,20% dos camponeses proprietários de suas terras, e 27,90% que trabalham em terras de outros, estas geralmente são terras de parentes, principalmente de seus pais. Nesse sentido, destaca-se que nesse modo de vida é comum os filhos que casam construírem suas casas na mesma terra dos pais, e permanecerem trabalhando na mesma terra.

Gráfico 3: Regime de propriedade da terra no Povoado Serrote Grande



Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

Org. Lívia T. S. A. Gama, 2019.

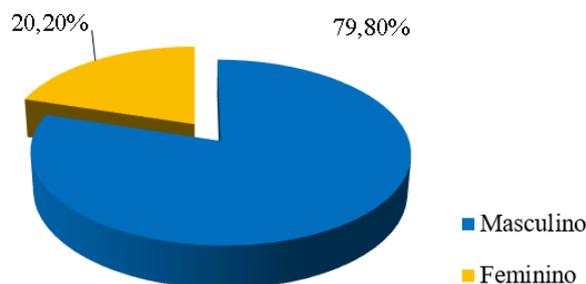
Assim, conforme indica o gráfico 3 os rendeiros representam uma pequena parte dos camponeses, correspondendo a 2,90%, esses agricultores que não possuem terra própria para trabalhar, apenas o chão de casa, sendo necessário arrendar terra para cultivar. Há casos em que os rendeiros moram na terra, porém morando na terra ou não, para ambos os casos, é necessário pagar a renda produto ao proprietário. Desse modo, a partir das entrevistas feitas ao longo da pesquisa de campo com os camponeses, constatou-se que esta renda é paga através do fumo, que é o principal produto cultivado no povoado.

A organização do processo produtivo no povoado Serrote Grande, Craíbas/AL

No campesinato, as relações de produção aparecem através das interações e relações estabelecidas entre os membros de cada unidade de produção camponesa, bem como entre os indivíduos de um mesmo grupo. Nesse sentido, pode-se entender que estas relações ocorrem a todo o momento, a partir de diferentes representações, envolvendo as formas em que o trabalho ocorre no campo, às divisões de tarefas no seio familiar, as motivações que desencadeiam a contratação de trabalhadores temporários, ou seja, envolve toda uma estrutura e organização do trabalho no campo específica.

A comunidade camponesa Serrote Grande apresenta fortes traços das relações patriarcais, na organização social da família, o chefe da casa é o homem, a quem são atribuídas as tarefas de maior responsabilidade, enquanto as mulheres geralmente ficam responsáveis por cuidar dos filhos e das tarefas domésticas. Nesse regime, portanto, as decisões são tomadas pelos chefes de família, como pode ser percebido por meio do gráfico 4, que representa a distribuição por gênero dos chefes de família do povoado.

Gráfico 4: Distribuição por gênero dos chefes de família



Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

Org. Lívia T. S. A. Gama, 2019.

O gráfico 4 apresenta a disparidade entre os gêneros no que diz respeito a chefiar a família, neste caso a unidade de produção, evidencia a pouca incidência da figura feminina nesse cenário, apenas 20,20%, são mulheres, enquanto em 79,80% das famílias são homens que assumem esse papel. Os principais motivos das mulheres estarem também à frente da unidade de produção, estão relacionados ao fato de serem viúvas, mães solteiras ou divorciadas, sendo a viuvez o principal motivo observado na pesquisa.

A divisão de tarefas no seio familiar no campesinato ocorre de forma bem particular a depender da família e das condições em que estas estão inseridas na sociedade. Destaca-se que no povoado Serrote Grande esta divisão se dá baseada nos princípios da moral e da tradicionalidade, nos quais os homens em sua maioria realiza as tarefas mais “pesadas”, enquanto as mulheres os ajudam nas tarefas que exigem menor esforço no processo produtivo, restringindo-se principalmente às atividades domésticas e os quintais, como, por exemplo, a criação de animais de pequeno porte e cultivo de hortaliças. Assim, “[...] estrutura-se no interior da família uma divisão técnica do trabalho, articulada pelo processo de cooperação, resultando numa jornada de trabalho combinada”. (SANTOS, 1978, p. 34).

Nas relações de produção no campesinato, o trabalho familiar é predominante, todavia, podem ocorrer outros tipos de mão de obra decorrentes das necessidades do ciclo agrícola. Nesse sentido, a ajuda mútua aparece como determinante, como afirma Cândido (2009, p. 194): “A necessidade de ajuda, imposta pela técnica agrícola, e sua

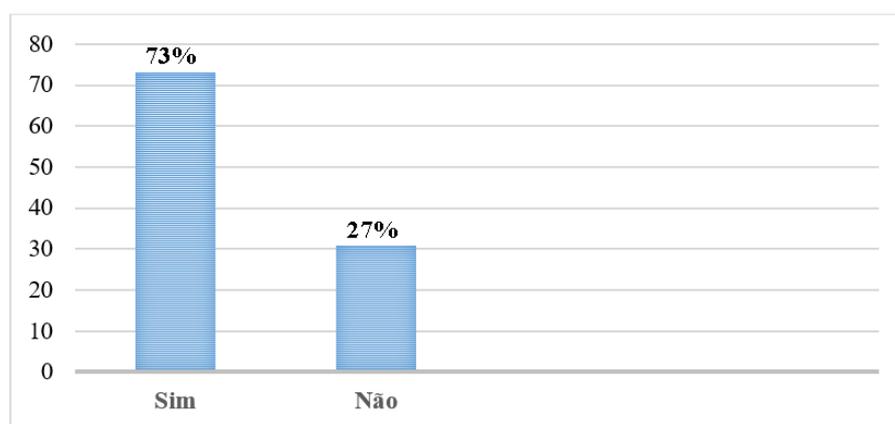
retribuição automática determinava a formação duma ampla rede de relações, ligando os habitantes do grupo de vizinhança [...] contribuindo para a sua unidade estrutural e funcional”.

Para o camponês as formas de ajuda mútua, como a prática do mutirão que estão baseadas nos princípios da reciprocidade, nos quais nos envolvidos se ajudam nos momentos em que a demanda por trabalho é mais exigida, são valorosas à medida que estas não configuram a subordinação do trabalho ao capital.

No campesinato o trabalho realizado em terras alheias, mediante recebimento de remuneração, é percebido como um trabalho explorado, no qual o trabalhador não possui autonomia e controle sobre as decisões a serem tomadas em relação às atividades agrícolas, tampouco sobre o tempo e espaço, tornando-se assim submisso o trabalhador camponês ao proprietário da terra.

Na medida em que ocorrem dentro das relações de produção, o mutirão configurado como ajuda mútua entre os camponeses, é possível exercer os princípios da solidariedade sem que haja exploração da força de trabalho. Sendo as práticas de ajuda mútua parte dos elementos estruturais do campesinato, constatou-se a partir da pesquisa de campo que estas se fazem presentes de uma forma bastante relevante, fazendo parte, portanto, das relações de produção, no povoado Serrote Grande, como mostra o gráfico 5 a seguir.

Gráfico 5: Práticas de ajuda mútua no Povoado Serrote Grande



Fonte: Dados da pesquisa, 2018.
Org. Lívia T. S. A. Gama, 2019.

A partir do gráfico 5, nota-se que a maioria das famílias participa de práticas da ajuda mútua, conhecida por eles como mutirão, ao longo das entrevistas foi relatado que o mutirão servia também para que não fossem pagos dias de serviço com a contratação de diaristas. Assim, o mutirão se estrutura para sanar algumas dificuldades em relação ao excesso de trabalho nas unidades produtivas. Dessa maneira, Brandão (2009, p. 51) afirma: “Mas o trabalho “com os outros” ou “para o outro” é sempre um gratificante e alegre trabalho-festa, [...] Quando, em vez de ser uma imposição [...] é uma escolha livre, uma “ajuda a um amigo” de quem se pode esperar a contraparte, quando necessário”.

O trabalho no modo de vida do homem do campo é dotado de significado, representando claramente a essência da vida do camponês. Torna-se notório nesse sentido, o desejo por autonomia nas atividades realizadas, quando o trabalho é realizado de forma livre e espontânea, diferindo, portanto, de quando o mesmo é imposto, tornando o trabalhador subordinado.

Sendo para o camponês imprescindível a autonomia sobre a terra e os meios de produção, a subordinação do seu trabalho ao capital representa para ele uma vida de dependência. Dessa maneira, “[...] a condição de proprietário da terra e dos outros meios de produção assegura ao camponês o domínio sobre o processo de trabalho e assim lhe dá a condição de trabalhador independente. Ainda que subordinado ao capital”. (SANTOS, 1978, p. 130).

No campo, os trabalhos realizados pelos membros do grupo, resultam de um trabalho coletivo, e, tornam o trabalho familiar como principal força de trabalho nas unidades produtivas, como já dito anteriormente. As figuras 3 e 4 representam o trabalho familiar no povoado Serrote Grande.

Figuras 3 e 4: O trabalho familiar no povoado Serrote Grande, Craíbas/AL



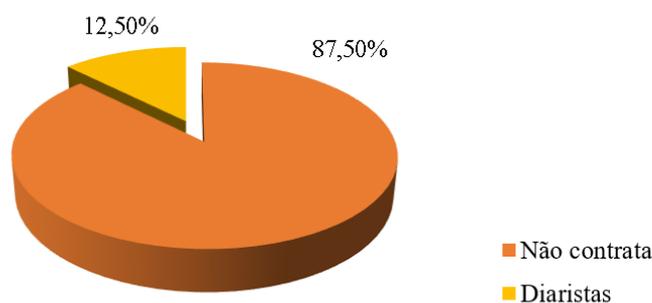
Fonte: Pesquisa de campo, 2018.

O trabalho familiar pode ser percebido como elemento central no campesinato, tendo em vista a representação da força de trabalho predominante neste segmento. Para o camponês o trabalho é visto como parte essencial da vida, como meio de sobrevivência, seu e de sua família, tendo a terra como instrumento de trabalho e reprodução.

As categorias nucleares do campesinato estão relacionadas, sendo elas: terra, família e trabalho. Logo, para o camponês é imprescindível o acesso à terra, para nela reproduzir socialmente sua família, mantendo o trabalho familiar como principal força de trabalho da unidade produtiva.

A contratação de trabalhadores temporários nas unidades de produção camponesa, nesse sentido, não ocorre durante todo o período do ciclo agrícola. Está se restringe a “[...] caráter temporário, enquanto o trabalho permanente é fornecido pelo grupo doméstico”. (WOORTMANN, 1990, p. 25). No caso específico do povoado Serrote Grande a maior parte dos camponeses entrevistados, ou seja, 87,50% não contratam trabalhadores durante o ciclo agrícola, enquanto apenas 12,50% contratam diaristas em algum momento quando os trabalhos na roça são intensificados, conforme mostra o gráfico 6 a seguir.

Gráfico 6: Contratação de trabalhadores assalariados pelos camponeses do Povoado Serrote Grande



Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

Org. Lívia T. S. A. Gama, 2019.

Em razão da posse de terra estabelecer-se na maioria das famílias como pequena propriedade, sendo a área cultivada pequena, torna possível que o trabalho seja realizado somente pela família, dispensando a contratação de força de trabalho. No

entanto, há casos em que essa contratação se faz necessária em virtude dos proprietários já serem idosos ou não contarem com ajuda dos filhos para os trabalhos.

A produção camponesa do povoado Serrote Grande, Craíbas/AL

A produção no campesinato é marcada por diversos fatores, segundo Santos (1981, p. 110): “a produção camponesa define-se pela presença de trabalho familiar, coordenando-se as atividades de todos os membros da família em um trabalho coletivo. Caracteriza-se ainda pela apropriação dos instrumentos de trabalho”. No modo de vida camponês, a produção está intimamente ligada ao consumo, ou seja, o camponês produz objetivando suprir as necessidades básicas da família, sendo o seu principal foco o próprio consumo. Para Santos (1978, p. 70) “[...] a produção camponesa realiza o círculo mercadoria-dinheiro-mercadoria (M-D-M), ou seja, o processo de vender para comprar, culminando o ciclo da obtenção de valores de uso”.

Logo, “[...] a lógica da produção camponesa está assentada na forma simples de circulação de mercadorias, no qual se tem a conversão da mercadoria em dinheiro e a conversão do dinheiro em mercadoria, ou seja, vender para comprar”. (OLIVEIRA, 1997, p. 52). Se o campesinato produz para viver, sua preocupação não está centrada em trabalhar mais para obter um lucro maior, mas em realizar o trabalho que garanta a sua sobrevivência e autonomia.

Nesse sentido, a produção na comunidade se dá através do uso de técnicas simples, a maioria dos trabalhos no campo são feitos pelos próprios camponeses, sem o auxílio de máquinas. Nas figuras 5 e 6 a seguir é possível observar o cultivo do fumo, que é predominante no povoado.

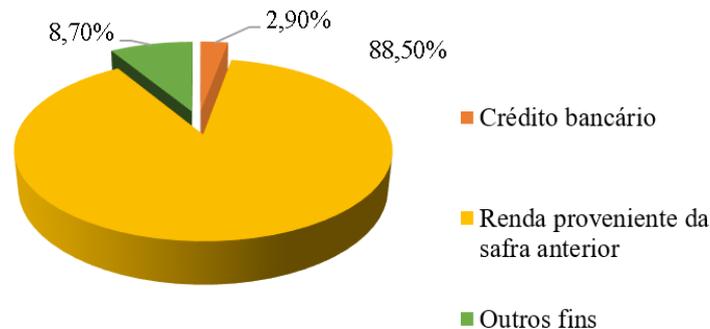
Figuras 5 e 6: Produção camponesa do povoado Serrote Grande, Craíbas/AL



Fonte: Pesquisa de campo, 2018.

A cultura do fumo constitui-se na principal fonte de renda do povoado, bem como de todo o município de Craíbas/AL, porém, os camponeses cultivam outros produtos, sendo estes para o autoconsumo, como feijão, batata, macaxeira, abóbora, milho e mandioca. Evidencia-se, portanto, que o processo de produção no campesinato ocorre mediante utilização de recursos provenientes das produções anteriores, conforme indica o gráfico 7, levando em consideração que o camponês não consegue acumular recursos para que possa tocar um novo ciclo sem que necessite utilizar-se de produtos, no caso as sementes dos cultivos, ou renda obtida a partir de outras safras.

Gráfico 7: Acesso a financiamento para produção camponesa



Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

Org. Lívia T. S. A. Gama, 2019.

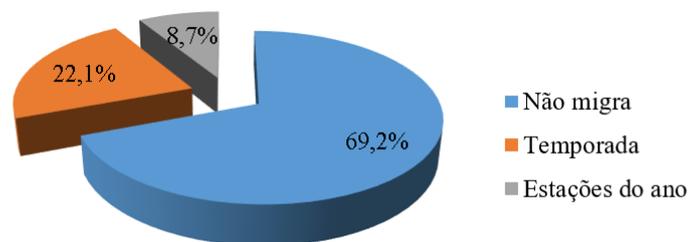
Na produção camponesa a duração dos ciclos agrícolas, podem ser diferenciados a depender da época do ano, bem como em relação ao tipo de cultivo, podendo ser mais longo ou mais curto, com períodos de maior abundância, como também de escassez. Garcia Jr. e Herédia (2009, p. 232) discutem sobre a questão posta, afirmando: “Há, portanto, momentos de pico nas fainas agrícolas e momentos de vazio [...] O uso

potencial produtivo da família ao longo do ano e o montante da colheita dependem do volume de trabalho nos momentos de pico do ciclo agrícola”.

Desse modo, destaca-se a presença da migração dos membros das unidades de produção, principalmente os chefes de família e os filhos homens, esse fenômeno ocorre em função da necessidade de acumular recursos conforme indica Woortmann (2009, p. 227) “[...] pode ter como objetivo obter recursos que permitam a contratação de trabalhadores assalariados, de modo a preservar a família, e a mulher em particular”.

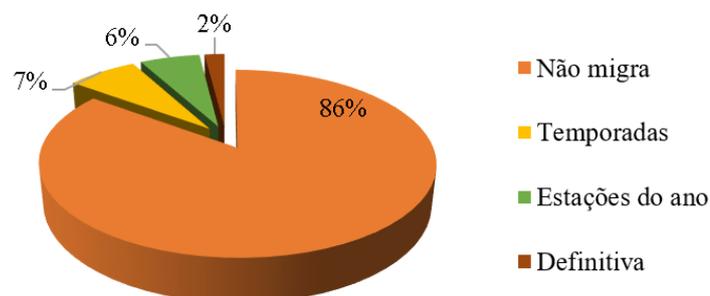
É comum que isto ocorra em vários momentos durante o ano, porém, ela ocorre geralmente quando as atividades agrícolas estão em entressafra, havendo também casos em que acontece quando há mão de obra suficiente no grupo familiar para executar as atividades. No povoado Serrote Grande, o processo migratório existe, porém é pouco relevante, conforme indicam os gráficos 8 e 9 a seguir.

Gráfico 8: Migração dos chefes de família residentes no povoado Serrote Grande



Fonte: Dados da pesquisa, 2018.
Org. Lívia T. S. A. Gama, 2019.

Gráfico 9: Migração dos filhos dos camponeses residentes no povoado Serrote Grande

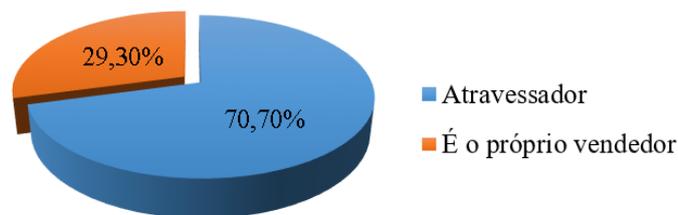


Fonte: Dados da pesquisa, 2018.
Org. Lívia T. S. A. Gama, 2019.

Observa-se que a necessidade de migrar para os camponeses, possibilita mudanças significativas na organização familiar e de produção de cada família, viabilizando a complementação de renda nas unidades familiares, no sentido que permite a contratação de diaristas, fortalecendo o processo produtivo.

Sendo o fumo o principal cultivo do povoado, como já dito, sua comercialização é feita principalmente através de atravessadores conforme indica o gráfico 10, enquanto os demais produtos cultivados são destinados ao autoconsumo. Logo, a circulação dos produtos cultivados pelos camponeses ocorre de forma indireta, sendo a renda obtida utilizada na compra de insumos e outras mercadorias as quais não produz.

Gráfico 10: Comercialização do fumo no povoado Serrote Grande



Fonte: Dados da pesquisa, 2018.
Org. Lívia T. S. A. Gama, 2019.

A produção camponesa é pensada de acordo com os cultivos que são mais rentáveis para o produtor, tendo em vista que para o camponês a produção deve prioritariamente satisfazer as necessidades familiares, como também a partir da venda desta, o valor seja revertido para a compra de insumos que garantam a sobrevivência da família.

Wanderley (1985, p. 65), afirma: “[...] mesmo nos casos em que o autoconsumo ainda é predominante, algumas necessidades básicas da família só podem ser satisfeitas a partir de fora, que supõe relações de troca, em que parte da produção passa pelo mercado”. Portanto, no campesinato há relações diretas entre o camponês, a terra, a produção e o mercado, logo, estas relações são próprias deste modo de vida, não impedindo o camponês de permanecer estabelecendo relações não capitalistas e capitalistas ao mesmo tempo.

Considerações finais

O artigo caracterizou o povoado Serrote Grande, localizado no interior de Alagoas, como uma comunidade campesina, analisando o modo de vida dos camponeses residentes, a sua produção, a renda e a comercialização dos produtos, considerando a dinâmica que envolve as relações de produção nas unidades familiares/produtivas. A comunidade tem o fumo como principal cultura a qual os camponeses se dedicam.

O trabalho familiar foi identificado como força motriz, garantindo a autonomia do campesinato, apresentando ainda as práticas de ajuda mútua. Podendo ocorrer a contratação de trabalhadores temporários e diaristas, estas sendo consideradas mão de obra complementar.

Considerando os elementos estruturais que balizam o campesinato, os camponeses do povoado Serrote Grande apresentam em sua gênese as características fundantes do campesinato, atravessado pelo patriarcado, constitui-se em uma comunidade na qual a religião possui grande relevância.

Entende-se que o campesinato se apresenta como uma categoria diversificada, que permite diferentes formas de (re)produção. Sendo o mesmo caracterizado como tradicional, de forte enfrentamento político, resistente na luta pela terra. Os camponeses do povoado Serrote Grande são parte desse segmento social.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Ricardo. **Paradigmas do capitalismo agrário em questão**. Ed. Hucitec. 2 ed. São Paulo. Campinas, 1998.

BOMBARDI, Larissa Mies. **O bairro reforma agrária e o processo de territorialização camponesa**. São Paulo: Annablume, 2004.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O Trabalho como festa: algumas imagens e palavras sobre o trabalho camponês acompanhado de canto e festa. In: GODOI, Emília Pietrafesa. MENEZES, Aparecida. MARIN, Rosa Azevedo (orgs.). **Diversidade do campesinato: expressões e categorias**. V.1.: Construções identitárias e sociabilidades: São Paulo: Editora UNESP, Brasília, DF: NEAD, 2009.

CÂNDIDO, Antônio. As formas de solidariedade. In: WELCH, Clifford Andrew; et.al. (org). **Camponeses brasileiros**: leituras e interpretações clássicas. São Paulo: Editora UNESP; Brasília, DF: NEAD, 2009.

GARCIA JR, Afrânio Raúl. HEREDIA, Beatriz Alásia. Campesinato, família e diversidade de explorações agrícolas no Brasil. In: GODOI, Emília Pietrafesa. MENEZES, Aparecida. MARIN, Rosa Azevedo (orgs.). **Diversidade do campesinato**: Expressões e categorias. V.2.: Estratégias de reprodução social: São Paulo: Editora UNESP, Brasília, DF: NEAD, 2009.

OLIVEIRA, A. U. de. **A agricultura camponesa no Brasil**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 1997. (Caminhos da Geografia).

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **Modo de Produção Capitalista, Agricultura e Reforma Agrária**. São Paulo: Labur Edições, 2007.

SANTOS, José Vicente Tavares dos. A reprodução subordinada do Campesinato. In: **Ensaio FEE**, Porto Alegre, 2 (2): 109 – 117, 1981.

SANTOS, José Vicente Tavares. **Colonos do Vinho**. Hucitec, São Paulo, 1978.

WANDERLEY, Maria de Nazareth B. **O camponês**: um trabalhador para o capital. In: Cad. Dif. Tecnol., Brasília, 2(1):13-78, jan./abr.1985.

WOORTMANN, Klaas. “Com Parente Não se Neguceia” o campesinato como ordem moral. In: **Anuário Antropológico**/87. Editora Universidade de Brasília/Tempo Brasileiro, 1990.